

Um panorama do sagrado em Teresina: a territorialização da religião na cidade, Estado do Piauí, Brasil

A panorama of the sacred at Teresina: the territorialization of religion in the city, Piauí State, Brazil

Panorama de lo sagrado en Teresina: la territorialización de la religión en la ciudad, Estado de Piauí, Brasil

Recebido: 16/08/2020 | Revisado: 27/08/2020 | Aceito: 31/08/2020 | Publicado: 01/09/2020

Felipe Ibiapina M. R. Siqueira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3087-6428>

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

E-mail: ibiapinafelipe@gmail.com

Elaine Ferreira do Nascimento

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1632-9148>

Fundação Oswaldo Cruz-PI, Brasil

E-mail: negraelaine@gmail.com

Liana Maria Ibiapina do Monte

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8339-8477>

Fundação Oswaldo Cruz-PI, Brasil

E-mail: lianaibiapina@yahoo.com.br

Resumo

As religiões assumem papel de destaque frente à formação cultural da sociedade, influenciando na forma do homem se relacionar com o espaço. Desse modo, estudar o espaço urbano considerando a perspectiva do Sagrado possibilita um entendimento particularizado da cidade. Este trabalho tem como recorte de estudo a cidade de Teresina, na contemporaneidade, e intenta compreender como as religiões se territorializam nesta capital. Assim, tem-se como objetivo apresentar um panorama da territorialização das religiões no espaço urbano de Teresina. Foram selecionadas para a pesquisa: as religiões de matriz africana, tais como a Umbanda e o Candomblé; a Igreja Católica; as igrejas evangélicas neopentecostais Assembléia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus; e a Igreja Batista, protestante tradicional. A partir de uma abordagem qualitativa, buscou-se mapear os

adensamentos religiosos, descrevendo as territorialidades a fim de ampliar o conhecimento desse índice humano/urbano, por vezes negligenciado, ou subnotificado, contribuindo para a política de planejamento e gestão urbana. Com esse trabalho chegou-se à conclusão que a expressão da religião no espaço transcende a matéria construída, sendo através da vivência dos usuários, ou seja, das suas relações de sociabilidade que se desprende a maior influência do Sagrado.

Palavras-chave: Espaço Urbano; Sagrado; Territorialização; Religiões; Sociabilidade.

Abstract

Religions assume a prominent role in the face of the cultural formation of society, influencing the way man relates to space. Thus, studying the urban space considering the perspective of the Sacred enables a particularized understanding of the city. This work has as study part, the city of Teresina, in contemporary times, and tries to understand how religions are territorialized in this capital. Thus, the objective is to present a panorama of the territorialization of the sacred in the urban space of Teresina. Were selected for the research: afrobrasilian religions such as Umbanda and Candomblé; the Catholic Church; the neo-pentecostal evangelical churches Assembly of God and Universal Church of the Kingdom of God; and the Baptist Church, traditional Protestant. From a qualitative approach, we sought to map the religious densities, describing the territorialities in order to expand the knowledge of this human / urban index, sometimes neglected, or underreported, contributing to the urban planning and management policy. It was concluded that the expression of religion in space transcends the constructed matter, and it is through the experience of the users, that is, through their sociability relations that the greatest influence of the Sacred is given off.

Keywords: Urban Space; Sacred; Territorialization; Religions; Sociability.

Resumen

Las religiones asumen un papel destacado frente a la formación cultural de la sociedad, influyendo en la forma en que el hombre se relaciona con el espacio. Así, estudiar el espacio urbano desde la perspectiva de lo Sagrado permite una comprensión particularizada de la ciudad. Este trabajo tiene como parte de estudio la ciudad de Teresina, en la época contemporánea, y trata de comprender cómo se territorializan las religiones en esta capital. Así, el objetivo es presentar un panorama de la territorialización de lo sagrado en el espacio urbano de Teresina. Para la investigación se seleccionaron las siguientes: religiones afrobrasileñas, como Umbanda y Candomblé; la Iglesia Católica; la Asamblea de Dios y la

Iglesia Universal del Reino de Dios, iglesias evangélicas neopentecostales; y la Iglesia Bautista, tradicional protestante. Desde un enfoque cualitativo, se buscó mapear las densidades religiosas, describiendo las territorialidades con el fin de ampliar el conocimiento de este índice humano / urbano, a veces desatendido o sub-reportado, contribuyendo a la política de planificación y gestión urbana. Se concluyó que la expresión de la religión en el espacio trasciende la materia construida, y es a través de la experiencia de los usuarios, es decir, a través de sus relaciones de sociabilidad que se desprende la mayor influencia de lo Sagrado

Palabras clave: Espacio Urbano; Sagrado; Territorialización; Religiones; Sociabilidad.

1. Introdução

Pensar o papel do Sagrado na constituição da cidade implica em considerar a relação que o sujeito religioso, e suas instituições, estabelecem com o espaço urbano. Tem-se no templo uma das formas materiais mais cognoscíveis dessa conexão que o homem realiza entre o Sagrado e o Profano (Siqueira, 2018).

Os templos apresentam-se como espaços de hierofania¹(Rosehdahl, 1999). Seu partido arquitetônico – ou seja, o seu uso funcional, sua estrutura portante, seu volume, os materiais e elementos decorativos – atendem a parâmetros que se encontram relacionados ao sistema simbólico religioso.

Porém, a importância dos espaços de culto extrapola o universo das associações metafísicas fundadas na crença em busca da cosmogonia, a origem do mundo (Eliade, 1992), uma vez que representam, também, na esfera do profano, o poder institucional da religião em determinada sociedade.

Partindo dessa temática, apresenta-se como recorte de pesquisa a cidade de Teresina-PI, com o objetivo de apresentar um panorama da territorialização² das religiões no espaço urbano de Teresina. Através de uma abordagem qualitativa, buscou-se identificar a espacialização das religiões na cidade, mapeando as zonas de adensamento dos templos

¹ Manifestação do sagrado na natureza profana (Eliade, 1992).

² A tessitura territorial compreende a área de atuação dos poderes que fundam o território e pode ser delineada a partir de limites lineares e zonais. Os primeiros equivalem a fronteiras mais precisas, enquanto os outros, como a conotação semântica atribuí, são constituídos por zonas transicionais, agindo sobre o espaço de maneira progressiva. No caso dos territórios culturais, por exemplo, são comuns os limites zonais, uma vez que inexistem uma soberania fixada de forma rígida, mas, difusa (Raffestin, 1993).

religiosos, a fim de ampliar o conhecimento desses territórios, contribuindo para a política de planejamento e gestão urbana.

2. Metodologia

O artigo constitui um desdobramento da dissertação de um dos autores – intitulada “Territorialidades Sagradas: religiosidades católica e afro-brasileira na Zona Norte de Teresina -PI” (Siqueira, 2018) – que teve como metodologia um estudo de caso de abordagem qualitativa que envolveu um conjunto de pressupostos sobre a vida humana em sociedade e as relações que os sujeitos estabelecem entre si e destes com o lugar em que vivem, amam, edificam e morrem, enquadrando-se em uma dimensão crítica (Minayo, Deslandes e Gomes, 2016, 2016).

O estudo de caso sob a perspectiva das ciências sociais geralmente é uma organização, uma prática social ou uma comunidade. Dentro dessa abordagem, o estudo de caso tem duplo papel: busca compreender de forma abrangente a singularidade do caso e uma reflexão mais geral sobre as regularidades do processo e estruturas sociais, nas quais se situa o caso (Minayo, Deslandes e Gomes, 2016).

Apesar do enfoque etnográfico do trabalho dissertativo, este artigo se apresenta como um compilado de dados relativos aos territórios religiosos investigados. A ideia, de fato, foi estabelecer um panorama geral que pudesse servir de base para o estudo de outrora e seus desdobramentos, haja visto que sua discussão não se esgota.

Os dados utilizados na construção deste trabalho foram coletados na ocasião do mestrado, tendo como eixo primordial os dados censitários de 2010 relativos à filiação religiosa. Considerando que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ainda não disponibilizou o resultado do recenseamento mais recente, nesse sentido, entende-se que a discussão apresentada continua atual. Ademais, as estruturas territoriais analisadas no artigo se movimentam de modo lento, uma vez que priorizou-se a identificação de estruturas edificadas para demarcação territorial.

3. Teresina: a capital mais católica do Brasil

Teresina guarda uma relação próxima com a religiosidade desde a sua fundação. Segundo os dados do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a contemplar filiação religiosa, em 2010, a capital aparece como a mais

católica do Brasil (Neri, 2011), sendo este o país com maior número de católicos.

No Brasil, até pouco mais de um século atrás, não havia uma clara separação entre a Igreja Católica e o Estado, o que só vai ocorrer com a promulgação do Estado Laico pelo Decreto Nº 119-A, de 07 de janeiro de 1890 (Brasil, 2017). Como consequência, a Igreja foi responsável por determinar variados códigos de postura que, embora não tenham mais valor legal, permanecem no imaginário coletivo, bem como, materializadas no traçado das cidades.

A regulação da política de ocupação do território brasileiro pelos portugueses, iniciada em 1500, seguiu as ordens da Coroa e da Igreja. Segundo Marx (2003) houve um período em que as normas da Igreja foram, inclusive, seguidas mais fielmente que as do próprio Estado Português.

Como repercussão tem-se um papel imponente dado à Igreja, numa imbricação do Sagrado e do Profano que se revelava nos costumes e na forma como a cidade era concebida. “[...] os pontos focais eram quase sempre adros de igrejas e ruas privilegiadas por onde passavam as procissões” (Marx, 2003, p. 08).

No Piauí Colonial, o modelo de implantação das primeiras vilas e cidades, seguia “[...] uma ordenação de composição ortogonal, com praça fronteira à morada de Deus, supostamente ladeada pela casa do padre, cemitério, escola, oficinas e um renque de taperas cercando o entorno” (Silva Filho, 2007, p. 14).

Braz e Silva (2012) chamam atenção para a formação da cidade de Teresina que desponta como a primeira capital brasileira a ser planejada e construída sob o Regime Imperial, mas cujo modelo de urbanismo mantinha características observadas no Período Colonial.

Tais características indicam um padrão espacial com dimensionamento de traçado e agrupamento tipológico que podem ser observados na forma e métrica das praças centrais das cidades coloniais brasileiras. Esses mesmos princípios também estão presentes no plano de Teresina, indicando a influência do modelo português (Braz e Silva, 2012, p.218).

É interessante entender que o fundamento do modelo urbano português consiste no traçado reticulado da malha urbana seguindo uma rigidez geométrica no dimensionamento dos lotes e ruas, que se articulam em torno de uma praça principal e, nesta, encontram-se estabelecidos, de forma imponente, os prédios que abrigam os poderes civis: governo e justiça (Braz e Silva, 2012).

A inserção do poder religioso nesse contexto, com a Igreja em posição de destaque – ainda maior que a arquitetura oficial civil – se mostra como uma inovação adotada na colônia

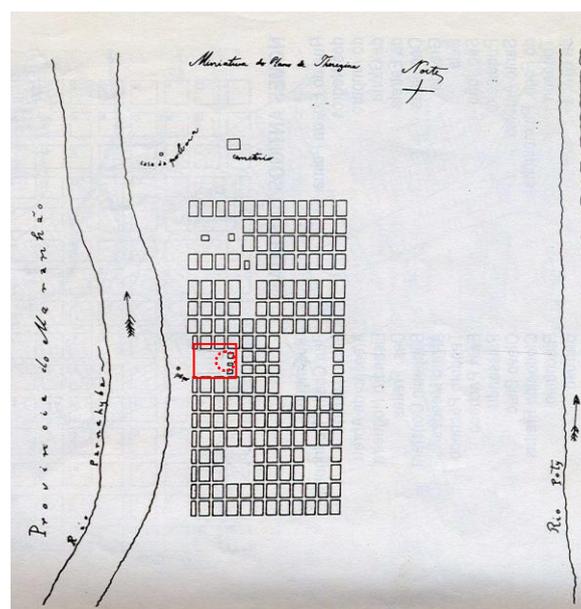
(Braz e Silva, 2012), o que se presume decorrer do poder que a instituição católica exerce nas terras brasileiras.

Em Teresina, no desenho urbano idealizado pelo Conselheiro Antônio Saraiva e executado pelo Mestre Isidoro França, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo irrompe proeminente na Praça Marechal Deodoro da Fonseca, onde também são erigidos prédios oficiais (Silva Filho, 2007).

O privilégio que é dado ao templo é inegável, tal que, a escolha do local exato para a implantação da matriz e da praça não se estabelece no centro geométrico da malha o que “[...] revela esse propósito cenográfico de exploração da paisagem fluvial. [...] a frontaria da matriz, descortinando a paisagem do Parnaíba, cujo curso nesse trecho coincide com a direção S-N, se prende a um rigoroso ajustamento cardeal” (Silva Filho, 2007, p.102).

A Figura 1 ilustra o esquema de implantação da malha urbana com destaque (em vermelho) para a Praça Marechal Deodoro da Fonseca e para a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo. Visualiza-se que a Igreja encontra-se situada defronte ao Rio Parnaíba, sendo a praça o único elemento que os separa, o que garante para os que chegam à cidade, pela margem fluvial, uma vista privilegiada do templo – vide a paisagem da Figura 2.

Figura 1: Mapa do Plano de Therezina com a representação da primeira linha de quadras junto ao Rio Parnaíba. Destaque para a Igreja Matriz e respectiva praça.



Fonte: CMT (Silva Filho, 2006, p.97) [modificado pelo autor]

Figura 2: Paisagem que mostra os primeiros edifícios da cidade com destaque para a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo (numa formatação diferente da atual, sem as torres).



Fonte: Fotografia de autor desconhecido (1910). Silva Filho (2007, p.105) [modificado pelo autor]

Recorre-se à categoria geográfica da paisagem para dar suporte à reflexão acerca da conexão que o templo estabelece no transcurso do traçado urbano, questionando-se como se dá a inserção desta arquitetura e qual a representatividade alçada pela mesma.

Por paisagem entende-se algo que está além dos formalismos estéticos que a observação superficial possa se limitar. Ela é uma representação do vivido e, por tal, abarca sociabilidades, memória, identidade e outras subjetividades que se traduzem pelo modo como o homem intervém no espaço e o molda.

Aqui não se reporta às paisagens artificiais – os cenários montados, fictícios –. Mas a paisagem quase despreziosa que está sempre a mudar com o tempo, acompanhando o transcurso da História. Para Carlos (2003), no tocante à paisagem urbana o ritmo das mudanças é dado pelo ritmo do desenvolvimento das relações socioeconômicas e culturais. E complementa:

A paisagem urbana aparece como um “instantâneo”, registro de um momento determinado, datado no calendário. Enquanto manifestação formal, tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial [...]. A dimensão de vários tempos está impregnada na paisagem da cidade (Carlos, 2003, p.35).

Olhando para a Figura 3 percebe-se uma nova configuração do centro da cidade, onde a Igreja Matriz já não pode ser vista das margens do Parnaíba, em virtude do Shopping da Cidade e da plataforma elevada do metrô. A paisagem é capaz de sinalizar as mudanças substanciais que ocorreram no plano urbanístico original e, conseqüentemente, na relação entre o espaço urbano e a Igreja Católica.

Figura 3: Paisagem urbana que marca a implantação de estruturas contemporâneas, a plataforma elevada do metrô e o shopping da cidade, entre o Rio Parnaíba e a Praça Marechal Deodoro da Fonseca.



Fonte: GOOGLE (2017).

Trazendo novas perspectivas para a discussão que envolve a Cidade e o Sagrado, Bauman (2005) lança um questionamento acerca das possibilidades semânticas que o conceito de Sagrado assume na contemporaneidade. Não poderia ser o shopping, e a mobilidade urbana, estruturas do Sagrado pós-moderno?

Para este trabalho permanece a visão de Sagrado³ apresentada por Durkheim (2008), em uma acepção metafísica. Logo, o cerne do problema investigativo não recai numa busca pelos novos conceitos do Sagrado, mas sim, na análise da nova relação que o Sagrado assume com a cidade. Tal como o shopping da cidade esconde a Igreja do Amparo, desse modo, questiona-se qual o “lugar” da religião em Teresina, contemporaneamente?

4. Um Quadro das Religiões na Cidade

Assinala-se que ao longo dos anos – desde o século XIX até o XXI – outras religiões se firmaram na cidade, e a Igreja Católica perdeu seu caráter de religião oficial. Novos sistemas simbólicos religiosos passam a agir sobre a configuração espacial de Teresina, através das relações de sociabilidade que partem das respectivas comunidades de fé, e dos seus templos (Autor, 2018).

Assim, para a compreensão do panorama contemporâneo da expressão do Sagrado em Teresina, adotaram-se, a princípio, dois caminhos metodológicos. Um destes recai sobre os fiéis, ou seja, o perfil religioso do teresinense expresso por percentuais de adeptos nos segmentos de crença mais representativos. O outro, foca na expressão que o Sagrado assume

³ Por Sagrado, Durkheim (2008) entende uma situação existencial, uma dimensão de vida, gênero a qual se opõe outro, diametralmente oposto, denominado Profano.

na paisagem através da quantidade de templos e da distribuição espacial destes por zona urbana.

De antemão, se esclarece que não existe uma correspondência direta entre a quantidade de templos e de membros, uma vez que essa razão varia de acordo com a religião e o modo como esta se territorializa. A estrutura administrativa da instituição religiosa, o perfil evangelizador, a tradição, são algumas dentre tantas variáveis.

Para a análise quantitativa de fiéis tomou-se como base de dados o IBGE, censo de 2010, o último a investigar a pertença religiosa do brasileiro. Observando a Tabela 1 – que traça o perfil religioso do teresinense sob a perspectiva local e em termos comparativos com as demais capitais brasileiras – percebe-se, de modo proeminente, a maioria absoluta de autodeclarados católicos, chegando à posição de capital mais católica e, na contramão, a ausência de adeptos das religiões afro-brasileiras, que a coloca nas últimas posições.

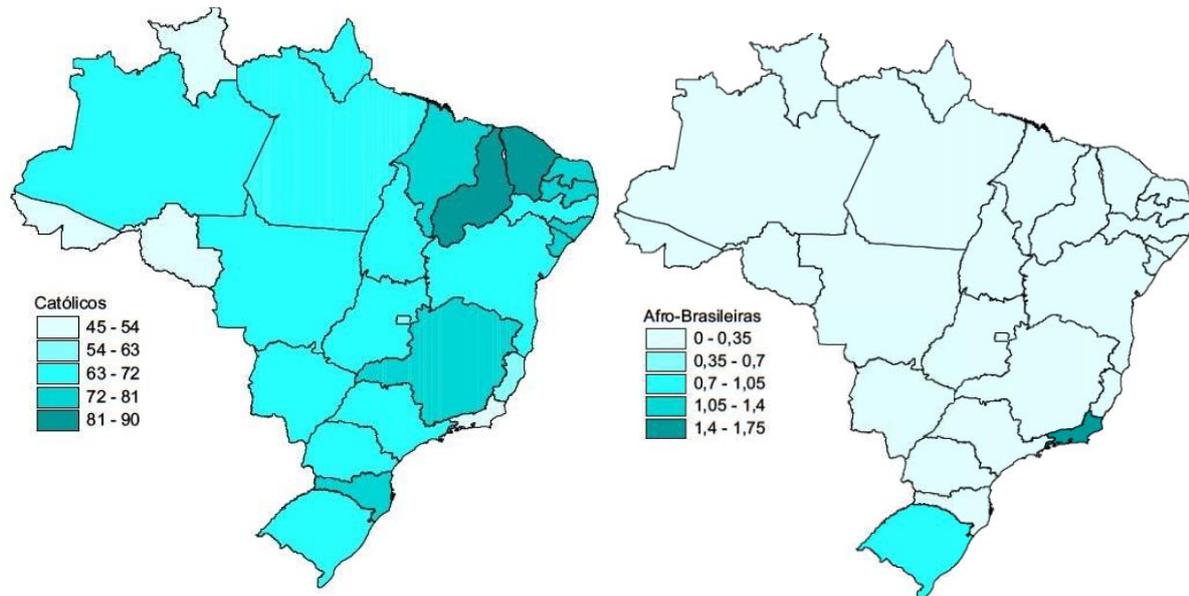
Tabela 1: Perfil da religiosidade em Teresina-PI com base nos dados censitários do IBGE (2010).

Religião	Percentual Local (Com base no nº de hab.)	Posição no Ranking Nacional (Com relação às demais capitais)
Católica	80.66%	1º
Evangélica Pentecostal	5.90%	26º
Outras Evangélicas	3.68%	27º
Espírita/ Espiritualista	0.77%	20º
Afro-brasileira	0.00%	26º
Orientais ou asiáticas	0.52%	5º
Outras	5.00%	3º
Sem-religião	3,47%	26º

Fonte: Adaptado de Neri (2011)

Os dois extremos estatísticos levam, inevitavelmente, a uma reflexão que envolve o racismo histórico incrustado na sociedade, não apenas teresinense, mas brasileira como um todo, que tende a desprezar tudo o que concerne ao universo negro. O binômio antagônico do “Senhor e o Escravo”, que Gilberto Freyre (2006) tão bem se valeu para discutir a formação do povo brasileiro, parece atual diante do cenário que os dados apresentados desenham com relação à Teresina. Mas não só nesta capital, entrando em relevo outros Estados da Federação, sobretudo na região Nordeste, como ilustra a Mapa 1.

Mapa 1: Mapa temático da porcentagem de adeptos das Religiões Católica e Afro-brasileiras por unidades da Federação, ano de 2009.



Fonte: Neri (2011).

Acentua-se o fato dos Estados da Bahia e do Maranhão não se destacarem na representatividade da religiosidade afro-brasileira, mesmo sabendo do reconhecimento que estes detêm nesta temática, levando aos questionamentos: qual a validade dos dados, quais são suas consequências imediatas e de que forma sua leitura poderia ser melhorada.

Não é objetivo do trabalho investigar a fundo as razões que levam à falibilidade dos dados apresentados pelo IBGE no panorama local, nem tampouco nacional. Mas o ensejo serve para chamar atenção para incoerências que se reproduzem não apenas nas bases de dados estáticos, mas, nos riscos decorrentes que podem se manifestar através das ações de planejamento urbano e gestão que levam em conta somente os diagnósticos positivistas.

Essa invisibilidade da religiosidade afro-brasileira pode interferir negativamente na ação de políticas públicas voltadas às comunidades de terreiro, tendo por base seu direito à identidade cultural e seu espaço na cidade. A Geografia da Religião⁴ vem, portanto, possibilitar um estudo mais preciso, a partir da abordagem qualitativa que lança sobre a realidade dos fatos, colhendo resultados mais satisfatórios, que se mostram como uma nova perspectiva para as problemáticas que envolvem a cultura. Assim, a cidade tende a evoluir rumo a um urbanismo social (Siqueira, 2018).

⁴ A inserção do termo como campo temático efetivo aconteceu em meados do século XX, a partir da produção dos geógrafos: Paul Fickeler, Pierre Deffontaines, Max Sorre e David Sopher; que traçaram as discussões de base para a estruturação dessa disciplina (Siqueira, 2018).

Em se tratando de uma pesquisa desenvolvida na Geografia Cultural – tendo como área temática a Geografia da Religião –, não é novidade que dados censitários apresentem distorções e não deem conta, por si só, de explicar o fenômeno. A complexidade dos fatos culturais requer metodologias qualitativas que aproximem o pesquisador do objeto, facultando uma interpretação substantiva. O exposto, todavia, não anula a pertinência dos dados quantitativos, sendo estes relevantes, sobretudo, para traçar diagnósticos em escala ampliada, desde que acompanhada de uma análise crítica.

No caso em estudo, o conflito reside na incongruência entre dados da mesma espécie – quantitativa –, referentes à soma de templos e à população religiosa. Conforme apresentado pelos dados censitários do IBGE, ano de 2010 (Neri, 2011), inexistem adeptos das religiões afro-brasileiras em Teresina, enquanto que o mapeamento realizado pelo Governo Federal e o Estado do Piauí, ainda nos anos de 2008 e 2009, apontava para a existência de mais de 200 terreiros nesta capital (Lima, 2014).

Assim, optou-se por adotar como valores referenciais para a pesquisa apenas a quantificação dos espaços de culto, mencionando os dados do IBGE tão somente como subsídio para a crítica reflexiva. Justifica-se a capacidade desse caminho metodológico abarcar o fenômeno e fornecer um diagnóstico condizente com a realidade, partindo do pressuposto que os templos só existem à medida que se tem uma comunidade de fiéis organizada à sua volta. Mapear os lugares marcados pelas práticas do Sagrado permite identificar de modo mais profícuo a natureza da religiosidade teresinense.

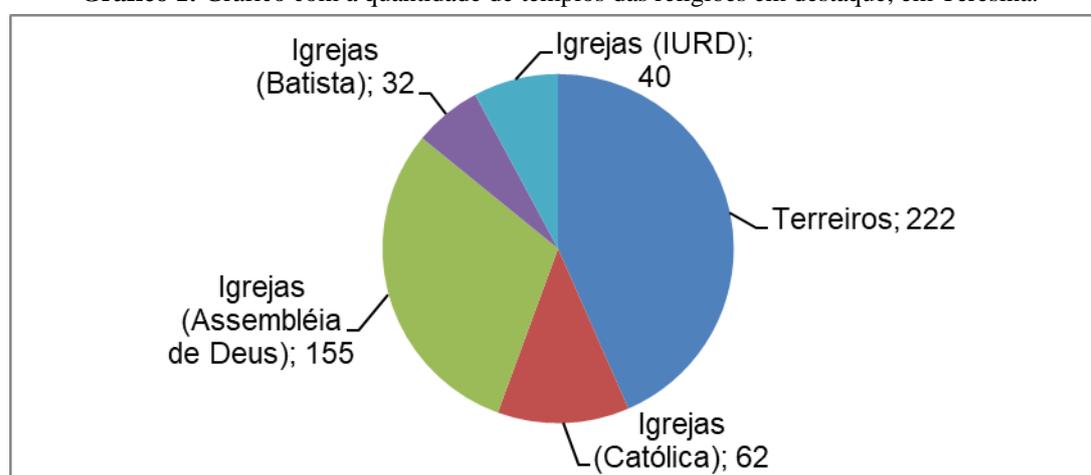
Elegeram-se algumas religiões seguindo os critérios articulados da tradicionalidade e população de fiéis, para montar mapas temáticos da distribuição espacial destas por zona urbana, bem como um gráfico, construindo um material quantitativo que possa ser agregado à discussão qualitativa a que se propõe.

Acerca dos critérios adotados para o recorte amplificado, em evidência nesta seção, tem-se: a tradição, remetendo ao tempo cronológico de estabelecimento da instituição religiosa na cidade de Teresina, destacando as mais antigas; o quantitativo, considerando as religiões que são numericamente mais representativas. Somado a estes se busca integrar matrizes religiosas heterogêneas do ponto de vista teológico, dando margem ao contraditório e ao estudo das práticas minoritárias.

Com base nos critérios supracitados, integram o recorte as Igrejas cristãs: Igreja Católica, Igreja Batista (protestante tradicional), Assembléia de Deus (protestante pentecostal), Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) – (protestante neopentecostal). E as religiões afro-brasileiras: Umbanda e Candomblé.

Utiliza-se como fontes fundamentais para a captação de dados as *homepages* das instituições religiosas, com a listagem dos templos na cidade – para a Igreja Batista⁵, Igreja Católica⁶, Assembleia de Deus⁷ e IURD⁸ – e a publicação “Fiéis da Ancestralidade”, compilação feita pelo Prof. Dr. Solimar Lima (2014) que expõe a listagem dos terreiros de Teresina realizado pelo Governo Federal em parceria com a Secretaria de Assistência Social e Cidadania do Estado do Piauí (SASC). O Gráfico 1 retrata o quantitativo de templos referentes às religiões pontuadas para vias de análise do panorama contemporâneo do Sagrado na cidade.

Gráfico 1: Gráfico com a quantidade de templos das religiões em destaque, em Teresina.



Fonte: Autor (2018).

Sobressalta, em termos numéricos, a quantidade de templos evangélicos da congregação Assembleia de Deus e de terreiros de Umbanda e Candomblé, reiterando que não existe uma correspondência entre a quantidade de espaços de culto e a população de fiéis. Algumas relações, porém, podem ser desprendidas a partir da ponderação dos dados do IBGE (Tabela 1), referentes à população religiosa, e o número de templos apresentados neste gráfico.

⁵ PORTAL Batista. Rio de Janeiro. Convenção Batista Brasileira, 2016. Disponível em: <<http://www.batistas.com/institucional/consulta-igrejas>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

⁶ ARQUIDIOCESE de Teresina. Teresina, 2017. Disponível em: <<http://arquiocesedeteresina.org.br>>. Acesso em: 10 out. 2017.

⁷ ASSEMBLÉIA de Deus em Teresina. Teresina, 2017. Disponível em: <<https://www.assembleiadedeusthe.com>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

⁸ UNIVERSAL. Igreja Universal do Reino de Deus, 2016. Disponível em: <<https://www.universal.org/enderecos>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

Em termos comparativos com a Igreja Católica – detentora da maior população de fiéis e de uma quantidade de templos que corresponde quase à terça parte da Assembleia – deduz-se que a política de territorialização da Assembleia de Deus adota um modelo de espraiamento das suas unidades religiosas.

Considerando que ambas as religiões assumem uma perspectiva evangelizadora – pressuposto do Cristianismo –, a Igreja Católica é organizada em torno de um sistema político-administrativo hierárquico, que se destaca pela verticalidade, sendo a paróquia a base fundamental (Gil Filho, 2002), e os templos capazes de atender, espacialmente, um raio territorial de dimensão considerável. Já a estratégia da Assembleia de Deus se volta para a horizontalidade, haja vista a quantidade acentuada de templos na cidade, onde quer que se esteja, é possível encontrar uma Assembleia de Deus.

Um fator que deve ser considerado, também, é a morfologia dos templos, sobretudo no que concerne à capacidade de pessoas. Uma igreja católica tende a comportar mais pessoas do que um templo da Assembleia de Deus. Logo, as inferências decorrentes da análise dos quantitativos apresentados são limitadas. Apenas um olhar qualitativo, que considere a estrutura simbólica de cada religião, é capaz de desenvolver um diagnóstico assertivo sobre o fenômeno.

Quanto ao segundo grupo religioso sobressaltado no Gráfico 1 – pelo número de terreiros – uma ressalva que deve ser feita envolve a dificuldade de mapeamento destas unidades, uma vez que, em sua maioria, não existe um elemento de identificação sinalizando a existência desses locais de culto afro-brasileiro na malha urbana. Geralmente, sua implantação ocorre no fundo dos lotes residenciais, em anexo à moradia dos sacerdotes, sem marcação na fachada das edificações que possa apontar o uso misto: espaço de morar e espaço religioso.

Este estudo vai tomar como referência a publicação de Lima (2014), que reúne dados do Mapeamento das Comunidades de Terreiro de Teresina, coordenado pela SASC – anos de 2008 e 2009 –, que indica a existência de 222 terreiros no perímetro urbano de Teresina, e 22 na zona rural. Outras pesquisas, porém, foram realizadas e apresentam dados discordantes que cumprem menção.

Em sua dissertação, Silva (2013) traz os resultados – não publicados oficialmente – da Pesquisa socioeconômica das Comunidades de Terreiro de Teresina – ano de 2007 – da qual a autora fez parte e atesta a existência de aproximadamente 500 terreiros de Umbanda na cidade, número expressivamente maior do apresentado na pesquisa que teve início no ano posterior.

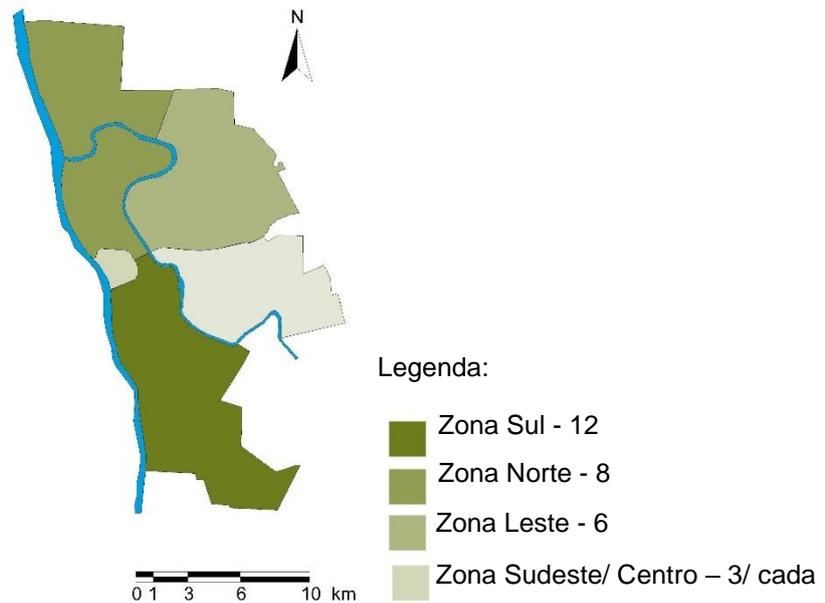
Interpreta-se a falta de consenso e discrepância nas aferições quantitativas como expressão da dificuldade que é a identificação das comunidades de terreiro, o que reforça a urgência de fomentar pesquisas que se voltem para a temática. A opção pelos dados do mapeamento coordenado pela SASC se dá pelo caráter oficial da publicação dos seus resultados (Lima, 2014). Também, o referido mapeamento é o único que lista os terreiros fazendo menção ao nome do espaço, do pai de santo responsável e localização genérica através do bairro, o que possibilita diagnosticar as zonas de adensamento dessa matriz religiosa.

Os números apontam para uma maioria absoluta de terreiros frente aos templos das demais religiões, mesmo o censo do IBGE sugerindo a inexistência dessa espécie de religiosidade na cidade. Além da reflexão já posta, que envolve o porquê da invisibilidade desse segmento religioso, é possível atestar, também, que, ainda que exista uma quantidade considerável de fiéis praticantes da religiosidade afro-brasileira, numericamente, estes não se sobrepõem à população cristã.

Uma das explicações reside na capacidade de pessoas que os templos cristãos comportam, superior ao que é suportado no espaço dos terreiros. Nisso, uma igreja católica, por exemplo, tende a atender um número bem maior de fiéis que um terreiro. Dando seguimento às análises desprendidas dos dados quantitativos, apresenta-se o zoneamento das religiões na cidade, ressaltando as áreas de adensamento na conjuntura contemporânea.

O Mapa 2 apresenta uma distribuição heterogênea dos templos da Igreja Batista pelas zonas urbanas de Teresina. A Zona Sul destaca-se com a maior quantidade de espaços de culto, seguida pela Zona Norte, Zona Leste, Zona Sudeste e Centro – com estas últimas coincidindo no número de templos –, respectivamente. O levantamento tomou como base apenas as Igrejas filiadas à Convenção Batista Brasileira.

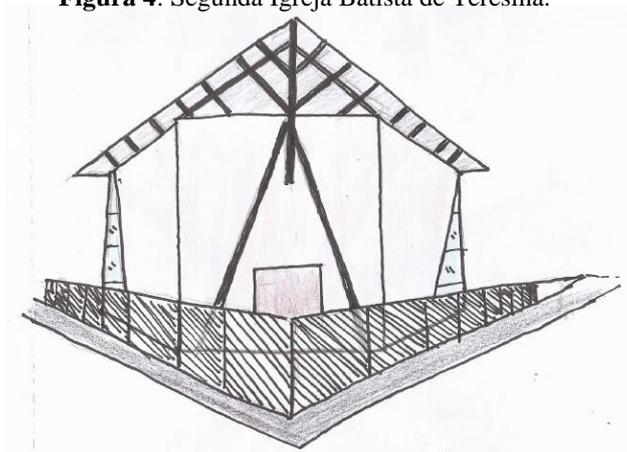
Mapa 2: Mapa Temático com a distribuição dos templos da Igreja Batista em Teresina, por Zona.



Fonte: Siqueira (2018).

No centro da cidade encontram-se localizadas a Primeira Igreja Batista e a Segunda Igreja Batista, duas das mais tradicionais. A segunda ganha notoriedade pela imagem que assume no contexto paisagístico que integra com sua forma arquitetônica contemporânea que tira partido da esquina para compor a estética do telhado em asa-delta (Figura 4).

Figura 4: Segunda Igreja Batista de Teresina.



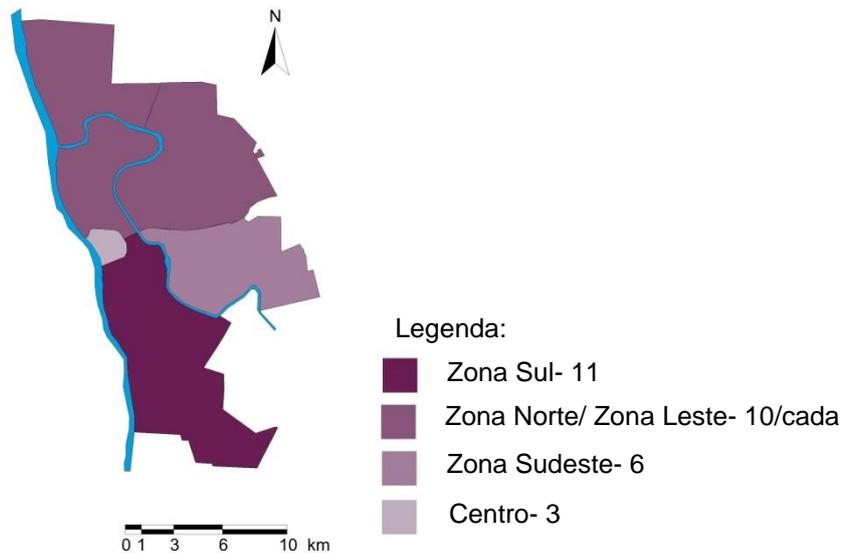
Fonte: Siqueira (2018).

Acerca da distribuição dos templos por zona, observa-se uma correspondência entre a quantidade de espaços de culto e a população residente. A Zona Sul, sendo a mais populosa da cidade, apresenta a maior quantidade de Igrejas Batista e, assim por diante, seguindo a mesma relação com as demais zonas. A exceção está na Zona Sudeste e no Centro, que

constituem as duas regiões menos populosas, nesta ordem, mas que coincidem no número de igrejas dessa congregação.

Dentre as religiões inseridas no recorte de análise quantitativa, a IURD (Mapa 3) é a que apresenta maior homogeneização na distribuição espacial das suas unidades, havendo, praticamente, uma equivalência entre as Zonas Sul, Norte e Leste. Ainda assim, o modelo de inserção dos templos da IURD não rompe com a lógica de atendimento à demanda populacional.

Mapa 3: Mapa Temático com a distribuição dos templos da IURD em Teresina, por Zona.



Fonte: Autor (2018).

Na imagem da Figura 5 retrata-se a sede da IURD em Teresina. A suntuosidade da forma arquitetônica e a localização privilegiada, próximo a dois shopping centers, ressalta uma estratégia factível da IURD que é a implantação de templos em locais de destaque, artifício simbólico que contribui para o “mercado religioso”⁹.

⁹ Referência à Raffestin (1993) ao analisar o fenômeno do sagrado, equiparando religião a um capital constante e os fiéis ao capital variável. Nesse sistema religioso complexo, as religiões dependeriam da comunidade religiosa para sobreviverem, o que se entende como justificativa para a disputa de fiéis. A estratégia de inserção de templos próximos a outros preexistentes de outra instituição religiosa ressalta esta tentativa de marcação o território e angariação de mais “capital variável”.

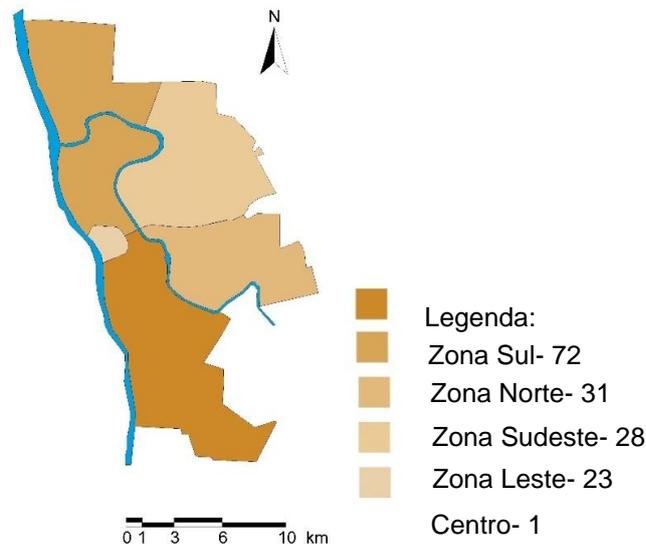
Figura 5: Sede da IURD em Teresina.



Fonte: GOOGLE (2020).

No zoneamento da Assembleia de Deus (Mapa 4) sobressai o rompimento com o padrão de distribuição dos templos por hora apresentado nas demais religiões evangélicas, que seguia o índice populacional de cada região. Nesse caso, a Zona Sul concentra quase metade dos templos da cidade – 72 unidades, aproximadamente 46% do total –, enquanto que os residentes nesta zona equivalem a 30,9% da população urbana (Teresina, 2017).

Mapa 4: Mapa Temático com a distribuição dos templos da Assembleia de Deus em Teresina, por Zona.



Fonte: Siqueira (2018).

A Zona Sudeste aparece em terceira posição no quadro de adensamento dos templos, à frente da Zona Leste que é mais populosa. No extremo do quantitativo, o Centro aparece com apenas um templo. Localizado na Rua Olavo Bilac, o templo central é o marco inicial da Assembleia de Deus na cidade, tendo sido o primeiro.

Observou-se no padrão de zoneamento das igrejas evangélicas Batista e IURD, uma tendência de implantação dos templos conforme a demanda populacional de cada região. À exceção, a Assembleia de Deus rompe com essa lógica, ressaltando-se a expressividade que a Zona Sul assume no contexto desta congregação, despontando como Zona mais representativa em termos de adensamento.

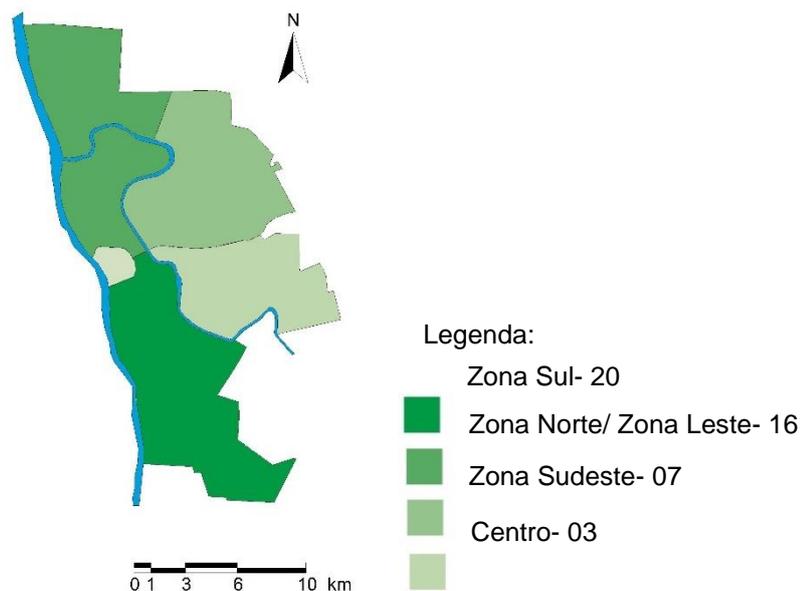
Também, apesar do baixo número de templos, é no Centro que estão localizadas as sedes das congregações e templos mais representativos, o que conota a valorização da região como referência de tradição – qualidade esta buscada pelas instituições religiosas.

Apresenta-se a seguir, no Mapa 5, a distribuição dos templos católicos na capital. O mapa temático segue a divisão por zonas urbanas, formatação diversa do que é adotado pela Arquidiocese, que na sua repartição do território paroquial, base estrutural da Igreja, tem como unidade territorial a Forania.

A subdivisão da Arquidiocese em Foranias (Mapa 6) deixa claro que os limites territoriais (linhas imaginárias que surgem por convenção) adotados pela Igreja Católica não coincidem com a divisão política e administrativa empregada pelo Estado. As Foranias Rurais da Arquidiocese de Teresina, inclusive, abarcam outros municípios.

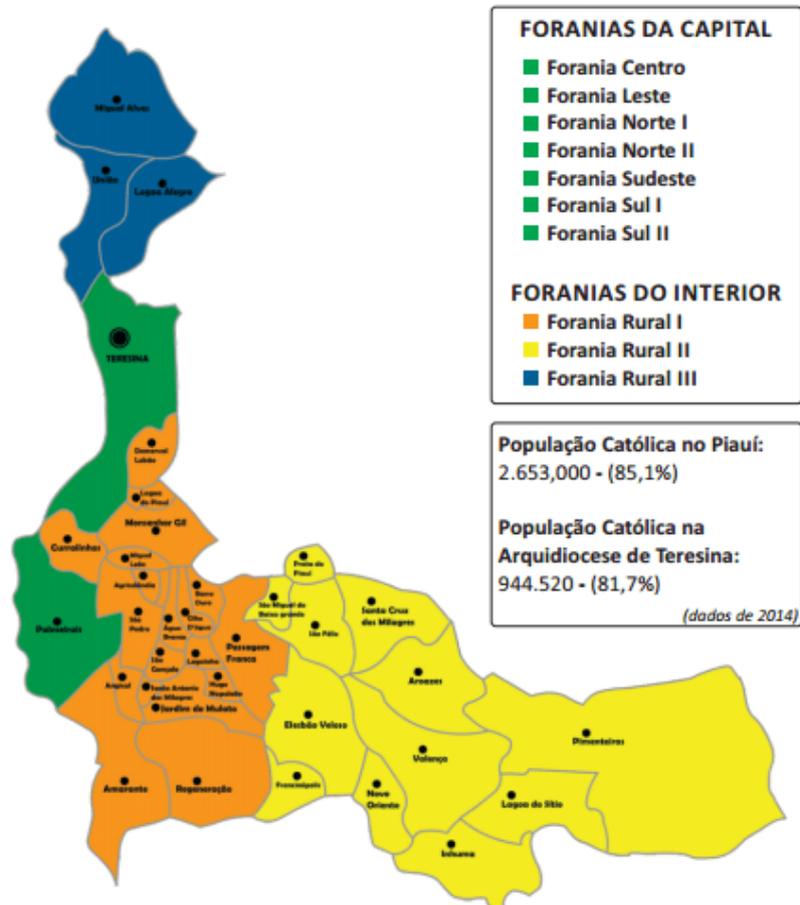
Porém, a escolha do mapeamento a partir das zonas urbanas justifica-se pelo caráter da análise que se propõe realizar, tendo como eixo a dimensão urbanística da capital, bem como, pela necessidade de uma padronização gráfica que possibilite um comparativo entre as religiões alçadas.

Mapa 5: Mapa Temático com a distribuição dos templos católicos em Teresina, por Zona.



Fonte: Siqueira (2018).

Mapa 6: Mapa Temático com as Foranias ligadas à Arquidiocese de Teresina.



Fonte: ARQUIDIOCESE (2017).

A leitura do Mapa 5 atesta uma distribuição espacial das igrejas católicas consoante com a taxa populacional das zonas urbanas, apesar da coincidência entre a quantidade de templos da Zona Norte e Leste, mesmo estas apresentando população diferenciada. Essa tendência de arranjo dos templos conforme a demanda se mostra como regra seguida pelas religiões alçadas, efeito das estratégias de territorialização das Igrejas que buscam expansão.

No centro da cidade são destacadas as igrejas católicas mais representativas do ponto de vista histórico e cultural, constituindo herança de um tempo onde o catolicismo, enquanto instituição, concentrava prestígio social, cultural e político, moldando os costumes dos teresinenses, dividindo com o Estado o poder geral sobre a capital (Oliveira, 2014). O templo católico, por sua inserção estratégica na malha urbana, balizava, à época, os rumos do ordenamento urbano. Nas palavras de Chaves (1994, p.63), “Teresina nasceu nos braços da Igreja Católica...”.

No centro estão localizados os três primeiros templos de Teresina: Igreja de Nossa Senhora do Amparo – Igreja Matriz fundada em 1852 –; Igreja de Nossa Senhora das Dores – atual catedral, inaugurada em 1867 –; e Igreja São Benedito – construída em 1882 (Chaves,

1994), que em decorrência da sua construção deu origem à Avenida Frei Serafim, importante via que atua como eixo de referência para o zoneamento. As Figuras 6, 7 e 8 retratam paisagens contemporâneas com vistas para os templos citados.

Figuras 6, 7, 8: Reprodução de aquarelas mostrando perspectivas das Igrejas de São Benedito, Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora do Amparo, respectivamente.



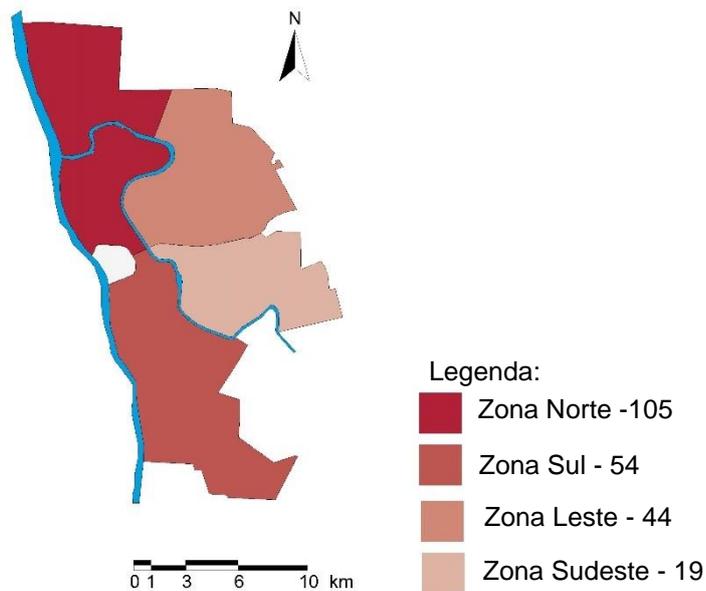
Fonte: Souza (2014).

Antes de apresentar a análise da distribuição dos terreiros no contexto urbanístico de Teresina, adianta-se que dentre todas as religiões citadas, a Umbanda e o Candomblé constituem as únicas denominações que não possuem templos no centro da cidade. Recordam-se os apontamentos de Lima (2014) referentes à existência pretérita de terreiros no centro, ainda nas primeiras décadas da cidade, tendo sido transferidos para regiões periféricas.

Enquanto que as instituições religiosas católicas e evangélicas citadas imprimem seus geossímbolos no sítio histórico urbano, os terreiros estão à parte desta paisagem. Segundo Cardoso (2006) os centros urbanos congregam história, memória e cargas de afetividade, sendo suas paisagens resultantes das diversas expressões culturais que se estabeleceram desde a origem destes. O exposto leva a indagar se este seria mais um fator potencializador da invisibilidade das religiões afro-brasileiras em Teresina?

O Mapa 7 traz o zoneamento das religiões afro-brasileiras com base no levantamento da SASC, sistematizado na publicação de Lima (2014). Os dados gráficos ressaltam a maioria absoluta de terreiros na Zona Norte – aproximadamente 47% do total –, seguida pela Zonas Sul, Leste e Sudeste. Assim como observado na distribuição dos templos da Assembleia de Deus, rompe-se com a lógica da quantidade proporcional de espaços religiosos conforme a demanda populacional, porém, nesse caso, são outros os condicionantes que justificam esse índice.

Mapa 7: Mapa Temático com a distribuição dos terreiros em Teresina, por Zona.



Fonte: Siqueira (2018).

A historiografia aponta que ainda nas primeiras décadas do surgimento da cidade de Teresina, à medida que o centro urbano se desenvolvia, aumentava o valor do solo e, assim, a especulação imobiliária tratou de afastar o estrato mais pobres da sociedade, constituído em sua maioria por negros (Lima, 2014). Em dispersão rumo à periferia, esses grupos levaram consigo sua bagagem cultural e, nesse âmbito, o Sagrado, marcado por sincretismos que faziam referência ao catolicismo popular e às religiões de matriz africana.

Os poucos terreiros situados no centro foram destituídos e suas comunidades firmaram novos templos, nos arredores do núcleo urbano (Lima, 2014). As Zonas Norte e Sul foram as primeiras áreas de expansão, destacando-se a primeira como principal reduto das comunidades de terreiro.

Foi então estabelecida entre os povos tradicionais da beira do Poti – primeiros habitantes da região onde Teresina foi fundada – e o povo-de-santo, uma aproximação que permitiu o desenvolvimento de uma paisagem cultural única, marcada por referências do folclore local, do artesanato tradicional e, claro, do tambor! – alusão aos atabaques presentes nos cultos afro-brasileiros.

A fecundidade cultural da região venceu o tempo e, falando a partir da contemporaneidade, tem-se o reconhecimento do valor paisagístico cultural da Zona Norte e de sua importância como base identitária referencial para a cidade. Destacam-se os grupos de capoeira, blocos afros, o bumba-meu-boi e, ainda nesse contexto de tradições, práticas

devocionais católicas e os cultos de matriz africana (Carmo & Carvalho, 2016), fundamentos dessa investigação.

5. Considerações Finais

O trabalho se voltou para compreender o papel das territorialidades sagradas na configuração urbana da cidade de Teresina. Através dos achados empíricos, tal como a apresentação do zoneamento dos territórios religiosos urbanos, e seus respectivos sistemas de coesão, entendeu-se de um modo geral que, em decorrência da laicização do Estado e seus reflexos no território urbano – como a regulação dos espaços públicos a partir de legislações seculares – visualizar a participação contemporânea do Sagrado na configuração da cidade é uma complexa, que requer um olhar mais acurado, voltado sobretudo, para a imaterialidade.

Para compreender o papel que as territorialidades sagradas exercem contemporaneamente na cidade de Teresina é necessário evocar um entendimento mais amplo do organismo urbano em que coexiste uma dinâmica que comporta a paisagem natural e a construída, assim como a vivência dos usuários. Se no passado, as territorialidades civis, e sua expressão no espaço se dava, sobretudo, pelos símbolos impressos na matéria construída, como os templos e o traçado urbano, é através da vivência dos usuários, ou seja, das suas relações de sociabilidade que se desprende a maior influência do Sagrado.

A territorialidade sagrada é formada pelas pessoas, são estas que causam impacto do ponto de vista espacial, na sua acomodação na ocasião das celebrações ou do ponto de vista imaterial das relações que estabelece em sociedade, suas motivações e disposições.

Este trabalho propõe continuidade, um aprofundamento qualitativo, com o desenvolvimento de estudos a partir dos dados aqui apresentados, e outros mais, a fim de produzir um inventário das religiões de Teresina. Entende-se a religião como uma manifestação cultural de grande impacto na vida dos cidadãos, assim, os trabalhos nessa linha buscam, além do conhecimento acadêmico puro, subsidiar políticas públicas voltadas para a salvaguarda das manifestações tradicionais, bem como, no âmbito do planejamento e gestão urbanos, somar-se aos itens a serem considerado para a criação e manejo dos planos diretores.

Referências

- Braz e Silva, A. (2012). Planejamento e fundação da primeira cidade no Brasil Imperio. *Cadernos do PROARQ.*(18), 217-236.
- Cardoso, L. B. (2006). *Paisagem Cultural do Centro de Teresina/PI: significados dos seus elementos morfológicos*. (Dissertação de mestrado).
- Carlos, A. F. (2013). *A cidade*. (7a ed.). São Paulo: Contexto.
- Carmo, F. & Carvalho, M. (2016). Territórios Sociais de Povos de Terreiro em Teresina-PI (consensos e dissensos no processo de intervenção urbanística no Programa Lagoas do Norte, na zona Norte da cidade). *30º Reunião Brasileira de Antropologia*, João Pessoa/PB.
- Chaves, Pe. J. (1987). *Como nasceu Teresina*. (2a ed.) Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves.
- Chaves, J. R. F. (1994). *Teresina: Subsídios para a História do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves.
- Decreto nº 119-A (1890, 7 de janeiro). Proíbe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias. Recuperado a partir de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm
- Durkheim, E. (2008). *As Formas elementares de vida religiosa: o sistema totemico na Australia*. São Paulo: Paulus.
- Eliade, M. (1992). *O Sagrado e o profano*. Sao Paulo: Martins Fontes.
- Freyre, G. (2006). *Casa-grade & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. (51. ed.). São Paulo: Global.

Gil Filho, S. & Gil, A. H. (2001). Identidade religiosa e territorialidade do Sagrado: Notas para uma teoria do fato Religioso. In Rosendahl, Z. & Corrêa, R. (Eds.), *Religião, identidade e território* (pp. 39-55). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Lima, S. O. (2014). *Fiéis da ancestralidade: comunidades de terreiros de Teresina*. Teresina: EDUFPI.

Marx, M. (2003). *Nosso Chão: do sagrado ao profano*. (2a ed.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2016). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada.

Neri, M. C. (2011). *Novo mapa das religiões*. Rio de Janeiro: FGV.

Oliveira, S. (2014). *A geo-história de Teresina na perspectiva das ações da Igreja Católica, no âmbito da educação: 1903- 1963*. (Tese de doutorado).

Raffestin, C. (1993). *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática.

Rosendahl, Z. (1999). *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Silva Filho, O. P. (2007). *Carnaúba Pedra e Barro na Capitania de São José do Piauí*. Belo Horizonte: Ed. do Autor.

Silva, H. (2013). *Sabores da casa, sabedorias de terreiros: práticas educativas e construção de saberes em um terreiro de Teresina*. (Dissertação de mestrado)

Siqueira, F. I. M. R. (2018). *Territorialidade Sagradas: religiosidades católica e afro-brasileira na Zona Norte de Teresina-PI*. (Dissertação de mestrado).

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Felipe Ibiapina M. R. Siqueira – 50%

Elaine Ferreira do Nascimento – 30%

Liana M. Ibiapina do Monte – 20%